

Ano 10, Vol XX, Número 1, Jan-Jun, 2018, Pág. 8 – 21.

## PERCEPÇÃO DO DISCURSO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sandra Santos da Costa, Aline Penha Pinto & Clarides Henrich de Barba

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo demonstrar a percepção do discurso da Educação Ambiental, a divergência do sistema econômico capitalista e a influência do discurso na mídia, no governo e no mercado. A Pesquisa é bibliográfica e apresenta a Educação Ambiental na perspectiva marxista buscando apresentar as incoerências das exigências globais com o sistema econômico atual e a importância do repensar e discutir na escola uma ideologia que possa atender a finalidade da Educação Ambiental e no segundo momento discorre sobre o discurso capitalista e a Educação Ambiental que promove o incentivo ao consumo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Discurso. Capitalismo.

## PERCEPTION OF ENVIRONMENTAL EDUCATION SPEECH

**ABSTRACT:** This article aims to demonstrate the perception of Environmental Education discourse, the divergence of the capitalist economic system and the influence of discourse in the media, government and the market. The research is bibliographical and presents the Environmental Education from the Marxist perspective seeking to present the inconsistencies of the global demands with the current economic system and the importance of rethinking and discussing in the school an ideology that can meet the purpose of Environmental Education and in the second moment it discusses the capitalist discourse and Environmental Education that promotes the consumption incentive.

**KEY WORDS:** Education. Speech. Capitalism.

### 1. INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental surge no século XIX, resultante da formação do Clube de Roma em 1968, constituído por empresários preocupados com a crise ecológica no mundo; bem como resultante da Conferência da ONU em 1972, Estocolmo na Suécia, quando numa esfera mundial, foi comungada a preocupação com o meio ambiente e a necessidade de prover caminhos e mecanismos para instituir-se por meio da educação, um plano a ser uma constante na vida dos seres humanos a partir daquele período. Um plano de educação ambiental cujas estratégias deveriam estar inseridas nos currículos escolares. No entanto, apesar desse tema ser considerado como educação para a cidadania, sendo determinante para a consolidação dos sujeitos cidadãos, aparece como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros.

Contudo, a sobrevivência da temática em todos âmbitos e níveis sociais, é assegurada pelos discursos ambientalistas que fazem a diferença tanto para a finalidade, quanto no discurso de aplicação para a sua realidade.

Discute-se neste artigo, a Educação Ambiental na perspectiva marxista por acreditar que o discurso que tem fundamentado esse tema, não tem consolidado o real significado dos temas inerentes à Educação Ambiental, a ponto de suscitar mudanças de comportamentos, atuação e valores acerca do tema. Mesmo existindo um discurso ambientalista no mundo inteiro, o atual sistema econômico mundial, não propicia sustentabilidade e não favorece uma educação para a preservação do meio ambiente. Ao passar dos anos e do desenfreado crescimento econômico, vemos grandes empresas degradando o meio ambiente, mesmo credenciadas como empresas plenamente sustentáveis, porém, utilizando-se dessa temática somente para realizar um jogo de “*marketing*” necessário para seus próprios lucros. O discurso da maioria delas é a combinação do crescimento econômico, proteção ambiental e desenvolvimento social. Realmente, vemos o crescimento da empresa, a produção e geração de empregos, no entanto, não se vê investimento em soluções que tenham impacto negativo e melhorem o meio ambiente, como é expresso pelos discursos.

Constata-se então que os discursos sobre o ambiente e a sustentabilidade têm sido articulados na tentativa de conscientizar a sociedade mundial quanto à devastação acelerada e desordenada que tem se alastrado no mundo, especialmente nas regiões de preservação dos recursos naturais como é o caso da Amazônia.

No primeiro momento, é apresentada a Educação Ambiental na perspectiva marxista discorrendo sobre as incoerências das exigências globais com o sistema econômico atual e a importância do repensar e discutir na escola uma ideologia que possa atender a finalidade da EA; e no segundo momento, aborda-se o discurso que conceitua os termos que têm sido criados para conceituar as temáticas inerentes à Educação Ambiental e o fundamento capitalista que reveste esses discursos e promovem o incentivo ao consumismo humano dentro dessa área de conhecimento.

O objetivo é demonstrar a finalidade da Educação Ambiental e a divergência do sistema econômico capitalista impregnada no discurso da mídia, do governo e do mercado.

## 2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA MARXISTA

Qual a finalidade de se ensinar Educação Ambiental na escola? Esse tem sido o nosso questionamento diante de uma estrutura econômica incoerente com o discurso da Carta de Belgrado (1975) que previa um novo tipo de educação que possibilitasse melhorias na convivência no mundo e consolidasse conceitos da Educação Ambiental. (PIRES; FRANCISCHETT, 2014).

A incoerência citada tem relação ao modelo econômico existente – o capitalismo. Não pode fechar os olhos para a tal realidade e acreditar-se que seria possível uma transformação que partisse exclusivamente de posturas e comportamentos da população quanto aos cuidados com o meio ambiente, enquanto há um modelo econômico forte e altamente devastador impulsionando e desconfigurando o repensar planetário. É necessário deixar de acreditar ingenuamente que é possível reverter o quadro de vivência atual, com apenas posturas éticas ou comportamentais, eximindo de responsabilidades a estrutura social e o modo de produção. (LOUREIRO, 2006).

O discurso das últimas décadas, é sobre a emergência da sustentabilidade, meio ambiente e desenvolvimento social em sentido amplo. Essa expressão propagou-se e foi pronunciada por diversos atores sociais, com diversas intencionalidades, inclusive no campo educacional. (LIMA, 2003). Vale ressaltar que não há discurso neutro sem intencionalidade (FOUCAULT, 1974).

As instituições educacionais brasileiras têm conclamado a sociedade acadêmica, incentivando – a para a jornada de conscientização social, ora por meio de estratégias de ensino básico, ora por meio de cursos de graduação e pós-graduação, cujas matrizes curriculares enfocam o meio ambiente como objeto de preocupação, com necessidade de proteção preventiva. Dessa forma, percebe-se a existência de um discurso educacional mundial forte e motivador, articulado para incentivar o interesse e suscitar a sensibilização dos povos quanto à necessidade de preservação do ambiente terrestre com todos os seus componentes.

A rigor, seria a escola mesmo o espaço devido em todo o mundo, para se implantar o processo de conscientização sobre a necessidade de cuidados com os recursos naturais de sua abrangência; a partir do público infantil, passando pelo público jovem e concluindo com a idade adulta.

Dentre todas as instituições que constituem os aparelhos ideológicos do estado, a instituição educacional compõe os espaços oficializados para a instauração e consolidação do discurso pró - ambiente.

É no seu espaço que se aborda sobre os instrumentos de conhecimento e a construção do mundo objetivo, sobre as formas e objetos simbólicos com suas estruturas subjetivas, os meios de comunicação, bem como os sujeitos em suas relações simbólicas, culturais e sociais.

Assim, no que tange ao modelo econômico e à necessidade de uma efetiva Educação Ambiental, evidencia-se a crise ambiental como mola propulsora de transformação, primordialmente necessária ser discutida no âmbito educacional. A teoria social crítica apresentada por Karl Marx demonstra categorias metodológicas e conceituais indispensáveis para a compreensão da crise ambiental. (LOUREIRO; TOZONI REIS, 2016).

Na perspectiva de um discurso ambiental transformador no âmbito educacional, a atribuição da Educação Ambiental crítica, emancipatória é fazer com que as visões ecológicas de mundo possam ser discutidas, compreendidas, problematizadas e incorporadas em todo tecido social (PIRES; FRANCISCHETT, 2014).

Há de se considerar a relevância da pedagogia-crítica para Educação Ambiental, fundamentada pelo marxismo e pelas lutas por educação pública e em defesa dos trabalhadores da educação. (LOUREIRO; TOZONI REIS, 2016).

Nesse sentido, a escola proporciona espaço e tempo para a reflexão dos cidadãos para um novo cenário de preservação e para assegurarem os cuidados com o planeta e com os seres humanos, por meio de novas posturas, a fim de amenizar o modelo agressivo do homem com a natureza.

A teoria social crítico refere-se ao pensamento marxista, evidenciando o indivíduo nas múltiplas dimensões humanas e suas relações. Então, uma prática revolucionária exige uma teoria equivalente, qualificando a ação transformadora para além do exercício crítico de questionar racionalmente algo posto como problema. (LOUREIRO; TOZONI REIS, 2016).

Por meio da matriz marxista, que não se restringe em críticas teórico-formais ou éticas, mas na postura teórico-prática transformadora, no posicionamento político comprometido com as lutas sociais por emancipação. (LOUREIRO; TOZONI REIS,

2016). E convenhamos, o espaço ideal para implantação dessa postura transformadora, precisa ser a escola por onde a sociedade passa desde a tenra idade.

### **3. A PERCEPÇÃO DO DISCURSO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM FOCO: NA MÍDIA, NO SISTEMA GOVERNAMENTAL E NO MERCADO.**

É consenso desde as décadas de 90 a emergência do trabalho em Educação Ambiental no Brasil. Os problemas ambientais foram os motivadores deste impulso, tais como a poluição, o desmatamento, a expressiva quantidade de lixo, o aquecimento global, contudo, a crise ecológica esta instalada. (GUATTARI, 1990).

Há um discurso presente e constante na mídia sobre Educação Ambiental, com slogans:

“Cada brasileiro joga fora cerca de 880 sacolas plásticas por ano. Vamos **juntos** preservar o meio ambiente para todos vivermos melhor. Use sacolas retornáveis” (propaganda da rede de supermercados BIG) [grifo nosso], ou ainda, “Cuidar bem do meio ambiente **todo mundo** pode” (propaganda do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Ministério do Meio Ambiente, 2009) [grifo nosso].(HENNING; GARRÉ; HENNING<sup>2</sup>, 2010).

Para Bakhtin *a palavra está sempre carregada de um discurso ideológico e vivencial*. (BAKHTIN, 2006, p.96). E qual a finalidade real destes discursos?

A produção de um discurso nada mais é do que uma fabricação. Inventamos o HENNING<sup>2</sup>, 2010, p. 245). É o caso dos objetos simbólicos inventados e emitidos por meio das inúmeras terminologias que expressam conceitos simbólicos sobre os cuidados preservativos com o Meio Ambiente.

Trata-se de termos sobre os quais são construídos discursos motivadores e otimistas, capazes de perpassar gerações e décadas em evidência cumprindo seu papel discursivo enunciador com o objetivo de persuadir seus interlocutores e usuários.

Dentre as várias terminologias que fortalecem os discursos ambientalistas positivos, destaca-se neste trabalho, como primeiro termo - Ecopedagogia o qual segundo Gadotti (2007), busca mudar as relações humanas, sociais e ambientais, constituindo-se num movimento pedagógico maior que o desenvolvimento sustentável, pois se preocupa com a educação sustentável que não se atém apenas à educação ambiental, mas é inerente a toda a nossa existência, em todos os espaços e fases de nossas vidas.

Gadotti (2007) defende a Ecopedagogia como sendo uma possibilidade de mudança do comportamento predador da humanidade, por meio de um novo modelo

educacional, propondo a formação de um cidadão crítico, com valores éticos, conscientes que podem cuidar de toda a vida planetária.

O segundo termo destacado como fortalecedor do discurso conservacionista é Ecodesenvolvimento o qual foi criado por Ignacy Sachs que o entende como a proposta adequada para articular a promoção econômica, preservação ambiental e participação social. Sua preocupação foi pertinente, tendo em vista a superação da marginalização, a dependência política, cultural e tecnológica das populações. Para Leff, 2001 *apud* Lima, 2003 o ecodesenvolvimento surge para ecologizar a economia, eliminando as contradições entre crescimento econômico e preservação da natureza, mas cai em desuso quando é substituída pelo discurso do desenvolvimento sustentável.

Da mesma forma, foi criado um discurso discorrendo sobre o termo Desenvolvimento Sustentável que surgiu a partir dos anos 70, mediante as discussões da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD, no relatório “Nosso futuro em comum”. O conceito atribuído ao termo, consiste ao atendimento das necessidades do presente, sem comprometimento às possibilidades das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p.46).

No entanto, para Altvater, 1995 *apud* Benfica os termos desenvolvimento e sustentabilidade seriam logicamente incompatíveis, pois sustentabilidade vai além do desenvolvimento, da preservação dos recursos naturais, da viabilidade do desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente. Implica nas relações entre os seres humanos e seu meio. Para Benfica educação é o novo conceito de sustentabilidade. Talvez porque é por meio da educação que se transformam comportamentos, valores e atitudes.

Percebe-se assim, cada estudioso defendendo sua posição discursiva sobre o meio ambiente com seus conceitos e suas subjetividades.

Outro termo bastante abordado pelo discurso conservacionista é Educação Ambiental que foi instituído pela Política Nacional de Educação Ambiental fundamentada na Lei no 9.795/99 expressando uma definição bastante precisa no âmbito educacional:

Art. 1º “Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999).

Mesmo que o discurso conceituando a educação ambiental esteja oficializado pela legislação, há inclusive no contexto acadêmico, uma tendência em substituir a concepção

de “educação ambiental” por “educação para a sustentabilidade” ou “para um futuro sustentável” (LIMA, 2003) devido a amplitude que se tem nos dois últimos termos e diante da percepção de que a educação ambiental esta restrita à natureza, já os demais abrangem a ética e a moral do ser humano nas relações com esta natureza.

Mediante os discursos de onde emanam os conceitos sobre o meio ambiente e suas relações no seu contexto e aplicação, é possível visualizar a dimensão da sustentabilidade e sua responsabilidade no contexto escolar. Os discursos provocam definições conhecidas atualmente, pelo mundo inteiro. Definições que precisam ser discutidas na escola com toda comunidade escolar, primordialmente pelos docentes que diretamente podem provocar a transformação dos comportamentos, valores e atitudes para um mundo melhor. Uma reestruturação do currículo nestas perspectivas faz-se necessária, isto é, inovação do currículo com novidades de saberes sustentabilidade e suas vertentes.

Mesmo os discursos trazendo conceitos e interpretações diferentes, Jacobi (2003) entende que quando nos referimos à educação ambiental, nós a situamos num contexto mais amplo que é o da educação para cidadania, configurando-a como elemento determinante para consolidação de sujeitos cidadãos.

Vê-se então que embora a escola ou demais instituições educacionais massifiquem os conceitos sobre as terminologias inerentes à conservação e preservação do ambiente e os discursos articulados nessa massificação assegurem perspectivas promissoras; ainda assim, ficam os discursos registrados e a vontade de fazer. Porém, na prática as mudanças de atitude, valores e hábitos da sociedade não evoluem a ponto de generalizar o devido cuidado em prol do meio ambiente e suas respectivas necessidades.

O termo “sustentabilidade” por exemplo, muito utilizado em nossos dias, não tem passado de discurso bonito e pertinente, mas camuflado por forças e interesses capitalistas em todas as partes do mundo.

Percebe-se inclusive que não dá para alterar mais o discurso sobre os conceitos e significações de termos como “sustentabilidade”. No entanto, talvez dê para alterar o modelo educacional brasileiro a fim de fazê-lo sobreviver nesse cenário predador onde tem sido difícil colocar na prática essência do discurso que conceitua essas terminologias.

Mesmo as escolas utilizando os discursos em prol da preservação e conservação do ambiente; o modo de produção consumista e alienante é ainda um fator predominante nas escolas e precisa ser revisto. Parece ser necessário incluir a sustentabilidade nas discussões e na construção do currículo, para criar novas perspectivas de mudanças de

comportamento e consciência da crise ambiental. São necessárias ações que fundamentadas nos discursos conservacionistas da educação sustentável, possam ser cultivadas na prática, pelas escolas, para dar início aos diferentes debates. Benfica e Mahatma Gandhi, há 50 anos na Índia, diziam que a terra era suficiente para todos, mas não na ferocidade dos consumistas. Este alerta evidencia-se nos fatos, pois a evolução econômica-industrial é incoerente com a preservação. O discurso de incentivo ao desenvolvimento econômico por meio da implantação da Zona Franca em Manaus capital do Amazonas, localizado no norte do Brasil, em plena região Amazônica, demonstra a discrepância entre os incentivos, sendo eles discursos de preservação, com suporte subliminar para desenvolvimento do capital.

“Manaus, capital da Amazônia, a partir da implantação da Zona Franca, tornou-se umas das mais ricas desde a década de 1960. Porém, o estado do Amazonas, cuja metrópole em questão é capital, caracterizado por uma imensa área verde vê seu desenvolvimento a nível global, indo contra seus preceitos de natureza e ameaçados por uma extensa frente de expansão ameaçadora e subordinada a interesses capitalistas e/ou políticos. Faz-se pertinente uma visão geral a partir de um trabalho de educação sobre a perspectiva do meio ambiente que a região está inserida”. (Material de Estudo para o curso de A PERSPECTIVA EDUCACIONAL NA DINÂMICA DO MEIO AMBIENTE).

Os interesses capitalistas presentes nas ações praticadas nas grandes áreas verdes como aquelas adjacentes à cidade de Manaus - Amazonas, são cultivados mediante os inúmeros e diferentes desdobramentos das ocupações naqueles espaços.

Especialmente na região metropolitana constituída pelos municípios de Iranduba, Manacapuru, Novo Airão, Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo onde apesar das áreas verdes serem imensas e os recursos naturais diversificados; a aproximação da capital contribui para a preservação do discurso ambientalista que na prática, se inibe pela força das ações públicas depredativas capitalistas, incrementadas pelos projetos governamentais das políticas públicas e do processo de urbanização que enfocam a expansão das cidades e o desenvolvimento daquela região.

Tem-se então na escola, o espaço mais apropriado para as reflexões sobre o meio ambiente e seus diversos desafios. Tem-se na escola, o componente transformador social, constituído por novos saberes que devem ser inseridos nas curriculares de formações. De acordo com Lima, 2003 “no Brasil o discurso da educação para a sustentabilidade ainda é pouco disseminado na literatura e nas práticas que relacionam educação e meio ambiente”. São muitos os desafios da educação brasileira para garantir efetivamente na prática; e não somente no discurso, uma educação para um futuro sustentável.



É lógico que o discurso é o canal inevitável para a codificação de qualquer temática que se queira divulgar inclusive e especialmente a temática de Educação Ambiental. Afinal, o discurso fundamenta as interações humanas, de acordo com as necessidades de cada indivíduo que o utiliza, atribuindo significados a cada ocasião ou situação da vida social. Fiorin (2006,p.61) abordando sobre o discurso, afirma o seguinte: “Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades”

A pluriatividade humana é acionada por meio do discurso, construindo associações e encadeamentos sociais dinâmicos e constantes, possibilitando que os seres envolvidos efetivem suas diferentes e inúmeras projeções sociais.

O maior desafio dos estudiosos sobre o ambiente talvez seja promover as práticas proclamadas pelo discurso inerente à Educação Ambiental que seja crítica e inovadora, que seja política e para justiça social. Para Jacobi (2003) O seu enfoque deve buscar uma perspectiva holística de ação, que relaciona o homem, a natureza e o universo; pois os recursos naturais se esgotam e o principal responsável é o homem.

Outros desafios para a sustentabilidade são os regastes dos valores, tais como confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa configurando uma educação para cidadania planetária, cidadania tem a ver com identidade e o pertencimento a uma coletividade (JACOBI, 2003, p.118).

Diante da força dos discursos midiáticos na influência no nosso modo de viver e ver, nos interpelando e nos convencendo de como agir frente a situações, neste caso ambiental. O ideal é procurarmos antídotos para a uniformização midiática e telemática por meio de uma ecosofia mental. (GUATTARI, 1990, p.16).

O discurso está envolto em uma relação de poder do estado ou de forças governamentais que dele se utilizam para convencer o público usuário do meio ambiente. Para Foucault, todo discurso contém procedimentos de seleção e exclusão que estabelecem os limites do permitido e do proibido, do que é aceito e rejeitado, do que é considerado verdadeiro ou falso numa certa configuração histórico-cultural. Sendo assim, o modo como falamos e pensamos afetam profundamente a vida social, condicionando nosso comportamento e experiência, nossa visão de mundo e, por fim, o próprio mundo que ajudamos a criar (FOUCAULT, 2001).

É por isso que Foucault (2001) pode dizer que não importa quem fala, porque o sujeito que fala, fala imerso em um certo regime de verdade que determina o que é pensável, o que é possível de ser compreendido. Mas ao demarcar seus limites, ao determinar o lugar do bem e do justo, esse regime de verdade também suscita questionamentos, também incita-nos a pensar sobre suas fronteiras e limites, sobre as possibilidades de romper ou de transformar a forma como a verdade é produzida e legitimada. (HENNING; GARRÉ; HENNING<sup>2</sup>, 2010, p. 246).

Não se pretende aqui analisar os discursos como discursos que colocam o lugar do certo, do adequado, da verdade, mas o poder que tem sobre as pessoas. Será que a escola por meio de seus professores possui este poder?

Construir e discutir ideologias no ambiente educacional formal são ações necessárias para uma Educação Ambiental crítica que apresente os argumentos que por vezes são ocultadas.

Vale ressaltar que para Deleuze e Guattari (2004) a linguagem é um sistema de comando, e não de informação, isto é palavra de ordem.

Pensando nos discursos midiáticos atuais sobre a Educação Ambiental, queremos evidenciar o quanto as campanhas que efetivam a vivência de um mundo melhor através de nossa consciência coletiva, estão eminentemente ligadas a uma estratégia de proteção com o mundo atual. Foucault apresenta o conceito de biopoder como uma tecnologia de poder. (HENNING; GARRÉ; HENNING<sup>2</sup>, 2010, p. 246).

As propagandas por meio da mídia tem o poder de interpelar o sujeito com a finalidade de nos convencer dos benefícios de uma nova postura, neste sentido, no futuro do planeta com vista a percebermos a importância das nossas ações. Segundo as propagandas só será possível interromper esta crise ecológica por meio das ações de cada um de nós. Com todo este poder e preocupação com a vida das pessoas, assim é a nossa absorção da informação, isto é biopoder. A previsão, estimativa, estatística e a probabilidade são mecanismos muito utilizados pelo biopoder. Com eles é possível mapear, diagnosticar e organizar medidas preventivas para o bem do cidadão. O biopoder equilibra e regula a população. (HENNING; GARRÉ; HENNING<sup>2</sup>, 2010).

Não só a mídia como o cenário político e de mercado possuem o discurso de preservação e cuidados planetários nos dias atuais. É preciso atentar-se para o que se tem por trás do discurso, quais as reais intenções e finalidades. Cabe a criticidade de análise. É evidente que ações nesse sentido de melhorar as condições planetárias são relevantes para nós e as futuras gerações, mas analisar as incoerências nas ações governamentais e jogo das grandes empresas são fatos a serem considerados nas análises dos discursos.

O trabalho sempre foi e será a atividade necessária à sobrevivência dos seres humanos, mas este deve ser realizado para garantir a existência, não como força de trabalho que beneficia e enriquece poucos.

Para Foucault, toda sociedade controla e seleciona o que pode ser dito numa certa época, quem pode dizer e em que circunstâncias, como meio de filtrar ou afastar os perigos e possíveis subversões que daí possam advir (FOUCAULT, 2001).

O discurso político e mercado até hoje propagado é de valorização do capital e do consumo. A exigência do mundo pós-moderno é substituir e não reaproveitar.

O discurso então é uma ação intencional que pode influenciar para o bem ou não. E o que seria o bem ou mal, cabe a análise dos benefícios para os seres, suas relações e a sua sobrevivência, a partir desta, as posturas, as ações e os comportamentos teriam uma finalidade transformadora.

Para Bakhtin compreender a Educação Ambiental, na escola, significa levar em consideração os seres como históricos e sociais, que se constituem no diálogo, o que é primordial, numa concepção crítica de Educação Ambiental, levando em conta as relações sociais concretas que ocorrem, para, dessa forma, possam traçar ações, objetivos e buscar novos patamares para as relações da sociedade com a natureza. (PIRES; FRANCISCHETT, 2014, p.67).

Ao interpretar Bakhtin, Pires e Francischett (2014) expõe que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência; toda palavra é absorvida por sua função de signo. Ela é o modo mais puro e sensível da relação social; é na palavra que se revelam as formas ideológicas da comunicação semiótica. Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. (BAKHTIN, 2002, p.36)

É importante compreender Bakhtin quando se refere à palavra como signo neutro, é porque ela pode servir a qualquer campo ideológico, mas a palavra não é neutra, porquanto chega até nós por meio de enunciados produzidos dentro de um contexto, por determinados sujeitos; então, ela sempre estará banhada de ideologia. O discurso do professor, sobre Educação Ambiental, não é neutro, chegou até eles de alguma forma e é expresso por meio das palavras. São conceitos, enunciados que se constituíram a partir de outros discursos. Conforme destaca Bakhtin (2002), as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (PIRES; FRANCISCHETT, 2014, p.71).

Na Educação Ambiental o enunciado está vinculado a momentos históricos, em contextos específicos e que são reproduzidos ou utilizados com o tema Educação Ambiental irradiando diversas significações.

Todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro

enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso (FIORIN, 2008, p. 23).

Segundo Fiorin (2008) o enunciado é diferente das unidades da língua, pois as unidades não pertencem a alguém, os enunciados sim, possuem emoção, juízos de valor, paixão.

A Educação Ambiental crítica não acontece sem o outro, da mesma forma que a composição dos enunciados. Como destacado por Loureiro (2006), educar é ir além do senso comum, assumindo uma postura dialógica, entre sujeitos. A educação é o processo que se realiza com o outro, que também é sujeito, que tem identidade e individualidade e devem ser respeitadas. (PIRES; FRANCISCHETT, 2014).

Percebe-se então que o enunciado no qual foi codificada a referência acima, traz um discurso que cumpre seu papel de enunciativo, emitindo significados que consolidam um conceito sobre o processo educativo e seu papel de interação entre os indivíduos e influenciam na construção da consciência e na formação do sujeito.

No entanto, em qualquer tema que se esteja trabalhando, para que haja um discurso coerente, há também a necessidade de rever posturas não só dos indivíduos, cidadãos trabalhadores, mas um repensar nas bases políticas e que influencie de certa forma o mercado. Assim, quando se fala de Educação Ambiental, enquanto o capital for o foco das grandes estruturas governamentais, haverá sempre um discurso camuflado acerca do tema.

Nesse caso, mediante as práticas sociais discursivas do sistema governamental, não é muito difícil entender a incoerência do sistema capitalista que o fundamenta. Basta observar a obrigatoriedade do tema Educação Ambiental nos currículos escolares enquanto a mídia propaga que o mais importante no país é a economia; É o que se tem ouvido nos dias hodiernos. Enquanto as propagandas apresentam o discurso da preservação, da economia de água para a população em geral e não para os grandes produtores, que irrigam suas lavouras. Enquanto enfocam as campanhas do descarte seletivo do lixo, enquanto as cidades não possuem nem aterros sanitários e recolhimento do lixo de forma seletiva. O mesmo governo que obriga as instituições públicas adquirirem as lixeiras seletivas, mistura do lixo na hora do descarte e joga a céu aberto. Isso é incoerência.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há portanto, um papel desafiador herdado pela instituição educacional básica ou universitária que é o cultivo do discurso seguido pela implementação prática de suas diretrizes, evidenciando-as nas suas diferentes práticas em prol de seus diferentes públicos.

Concebe-se que a finalidade de estudar a Educação Ambiental na escola é formar cidadãos éticos, comprometidos com o bem comum, preocupados com o bem-estar das futuras gerações. Formar para o exercício da cidadania. Formar cidadãos que sejam sujeitos críticos, que saibam analisar os discursos e que possam identificar as coerências e incoerências dos diferentes discursos dos seus contextos de atuação.

A perspectiva marxista propõe uma postura teórico-prática transformadora, no posicionamento político, comprometido com as lutas sociais por emancipação, com vistas para a compreensão da crise ambiental, em que as visões ecológicas de mundo possam ser discutidas, compreendidas, problematizadas e incorporadas em todo tecido social.

O discurso envolto de intencionalidades e poder oferecidos pela mídia, pelo governo e gerenciado pelo mercado, possui influências no modo de viver e ver, por isso a importância de analisar o discurso, de onde ele vem? Com que finalidade? Nesse sentido, este trabalho provoca a necessidade de novos estudos para melhor compreender os discursos para que se possa decidir qual o melhor caminho a seguir. É necessário que as nossas escolhas sejam feitas não por convencimento, mas por conhecimento acerca das temáticas impregnadas pelos discursos que nos alcançam.

## 5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENFICA, Gregório. *Sustentabilidade e Educação*. <http://www.seara.uneb.br/sumario/professores/gregoriobenfica.pdf> acesso em 29.12.2015, às 22h e 45min.
- BRASIL. Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999. Brasília: Congresso Nacional, 1999.
- BRASIL. Mec. Documento Preliminar à Base Nacional Comum Curricular – Princípios, formas de organização e conteúdo. Brasília: 2015.
- CMMAD, Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. 2 ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- CURSO IMAZON. Material de Estudo para o curso de A PERSPECTIVA EDUCACIONAL NA DINÂMICA DO MEIO AMBIENTE). 2016.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. 2003. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf> acesso em 29.12.2015, às 21h e 10min.

LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da Sustentabilidade e suas implicações para a Educação. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2003000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2003000300007&script=sci_arttext) acesso em 12.12.2016.

LOUREIRO, C.F.B; TOZONI REIS, M.F.C. TEORIA SOCIAL CRÍTICA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: contribuições à educação ambiental. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E -ISSN 1517-1256, Ed. Especial, julho/2016.

PIRES, M.M; FRANCISCHETT, M.N. O sentido da educação ambiental formal no discurso dos educadores, Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E - ISSN 1517-1256, V. Especial, maio, 2014.

QUADRO, Maurício Silveira. Gestão Ambiental. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos. [slideplayer.com.br/slide/2653119](http://slideplayer.com.br/slide/2653119). Acesso em 23.02.2016 às 17h:12min.

**Recebido: 30/11/2017. Aceito 30/12/2017.**

**Sobre os autores e contatos:**

**Sandra Santos da Costa** - Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus de Humaitá – AM, Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia, e-mail: [costa.sandra2011@gmail.com](mailto:costa.sandra2011@gmail.com)

**Alline Penha Pinto** - Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus de Humaitá – AM, Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia, email: [allinepenhapinto@hotmail.com](mailto:allinepenhapinto@hotmail.com)

**Clarides Henrich de Barba** - Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia: [clarides@unir.edu.br](mailto:clarides@unir.edu.br)